



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES CURSO DE
GRADUAÇÃO EM PINTURA
DEPARTAMENTO ARTES BASE – BAB**

**ANTONIO KUSCHNIR
DRE: 119052861**

MICROCOSMOS AUTOMITOLÓGICO

RIO DE JANEIRO 2024

FOLHA DE ROSTO

Antonio Kuschnir

Microcosmos Automitológico

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola
de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como parte dos requisitos necessários à
obtenção do grau de bacharel em Pintura.

Orientador: Professor Pedro Meyer

Rio de Janeiro (Rio de Janeiro)

2024

CIP - Catalogação na Publicação

K635 Kuschnir, Antonio
MICROCOSMOS AUTOMITOLÓGICO / Antonio Kuschnir.
- Rio de Janeiro, 2024.
31 f.

Orientador: Pedro Meyer.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2024.

1. Pintura. 2. Automitologia . 3. História da
Arte. 4. Matisse. I. Meyer, Pedro, orient. II.
Titulo.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Antonio Kuschnir

Microcosmos Automitológico

Aprovada em

(Nome do orientador, sua titulação e instituição a que pertence)

(Nome, titulação e instituição a que pertence)

(Nome, titulação e instituição a que pertence)

RESUMO

Este trabalho apresenta pinturas que produzi durante a graduação em Pintura pela Escola de Belas Artes (EBA) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. As obras, em óleo sobre tela, exploram a linha tênue entre magia e realidade, imaginário e verdadeiro. Inspiradas por artistas como Francisco Goya, Pablo Picasso, Louise Bourgeois, Peter Paul Rubens e Henri Matisse, minhas criações fundem o coletivo e o individual. O conceito de "automitologia" guia meu trabalho, que mistura elementos fantásticos e reais com a minha individualidade, refletindo uma profunda dedicação à arte e à pintura.

Palavras-chave: Pintura, Automitologia, Arte clássica, Matisse, Processo Artístico.

AUTORIZAÇÃO

ANTONIO KUSCHNIR, 119052861....., AUTORIZO a Escola de Belas Artes da UFRJ a divulgar total ou parcialmente o presente Trabalho de Conclusão de Curso através de meios eletrônicos e em consonância com a orientação geral do SiBI.
Rio de Janeiro, dia/mês/2023.

Assinatura

para Karina, Alice e Vicente

Microcosmos Automitológico

Índice

- 1. Introdução**
- 2. Pinturas**
- 3. Conclusão**
- 4. Bibliografia**

1. Introdução



“Dia”. 2022, óleo sobre tela. 120x150cm

A proposta deste trabalho é apresentar algumas das pinturas destacadas que produzi ao longo da graduação em Pintura pela EBA - UFRJ. As obras que compreendem esse conjunto variam em tamanho, tema e assunto. Produzidas em óleo sobre tela, buscam explorar a linha tênue e sutil entre magia e realidade, imaginário e verdadeiro.

Para esses trabalhos, bebi da fonte de diversos pintores que admiro ao longo da História da Arte. A amplitude nas obras gráficas de Francisco Goya (1746-1828) e Pablo Picasso (1881-1973) oferece possibilidades quase infinitas para a exploração de temas com amplas variações. Usei duas séries específicas como referência. *Os Caprichos* (1799) de Goya, trata muito de questões sociais, ou seja, externas ao indivíduo, como nas séries. No caso de Picasso selecionei uma série onde o artista realiza uma profunda investigação metalinguística acerca do espaço de criação mais particular — seu ateliê — a celebrada *Suite Vollard* (1930-37). Tentei tratar na minha criação pictórica esses dois polos, não como opostos, mas interseccionais, ou seja, nos trabalhos apresentados, coletivo e individual se fundem, se permeiam e se atravessam. A linha tênue é traçada entre onde começa uma experiência própria, pessoal, e abstrações maiores de situações e emoções vividas coletivamente.

Utilizando como exemplo essas séries de gravuras de Picasso e Goya, percebemos que ambas fazem parte de uma tradição maior de longas séries que exploram as mais variadas temáticas. Se, por um lado, em *Os Caprichos*, Goya se volta para o social e investiga questões latentes de sua época, tecendo críticas e comentários sobre o mundo à sua volta, Picasso se vira para o mundo da criação interior nas gravuras da *Suite Vollard*. O artista se preocupa com a metalinguagem do criador e retoma um gosto pelo clacissismo idealizado da arte.



Pablo Picasso. Sculptor Working from Life with Marie-Thérèse Posing, 1933. 19.4 x 26.7 cm.
Gravura a água forte.



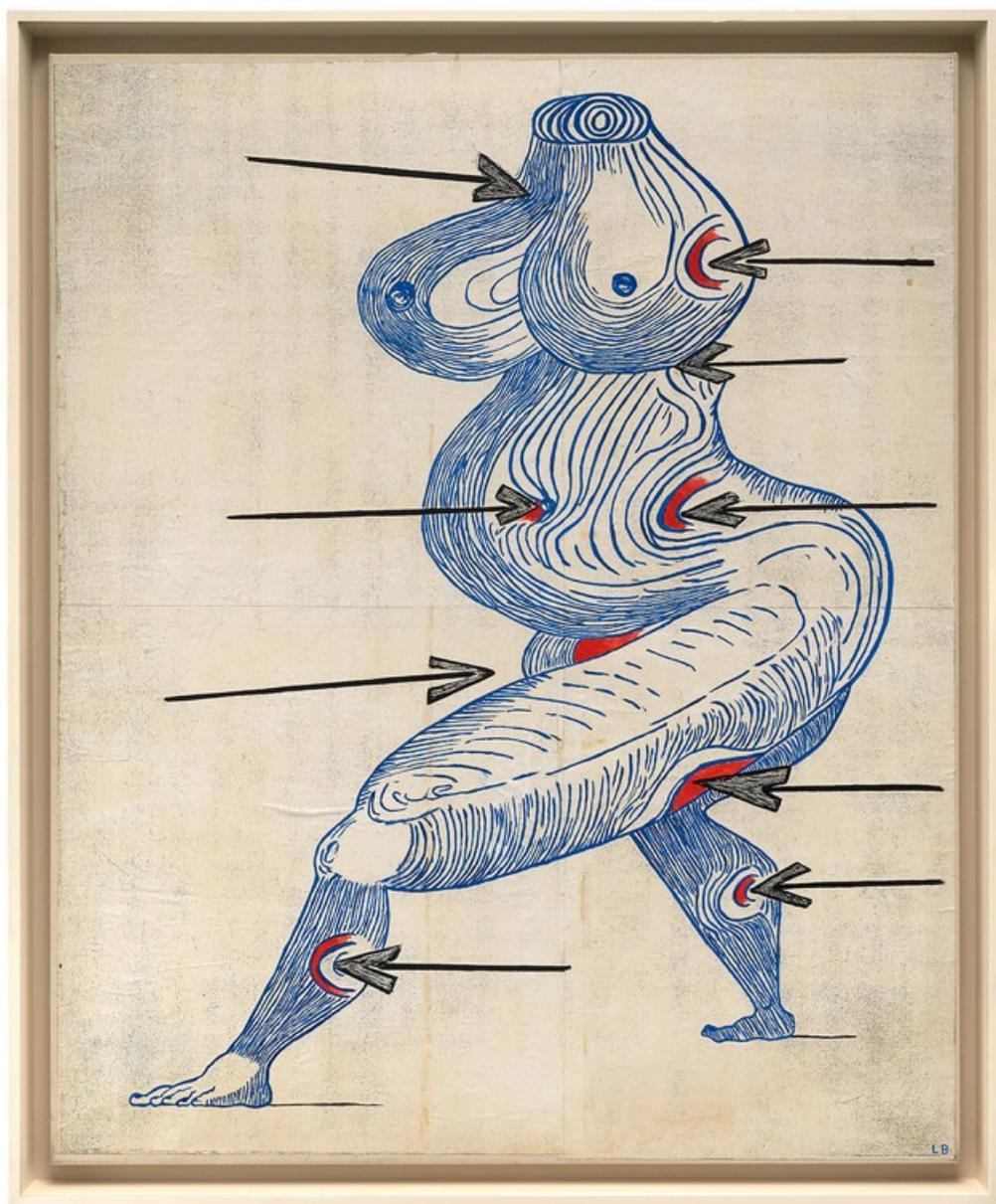
Francisco Goya. The sleep of reason produces monsters, 1799. Gravura a água forte. 30.48 × 20.32 cm.

Ambos, nas séries mencionadas, tratam dos mais diversos temas. São parte da tradição dos *capriccios*. Como polos opostos, entretanto, percebemos uma volta de Goya para o social, externo, enquanto Picasso se concentra nos temas internos, de amor e criação. Ter como base ambas as obras e o conjunto do qual cada uma faz parte nos oferece mais um exemplo na história da arte do uso de longas séries para tratar de uma imensa diversidade temática. Assim, artistas ao longo dos séculos vêm utilizando-se do recurso de séries-comentário sobre os temas mais amplos, como a vida, a morte, o social, a criação artística etc.

“O que parece tê-lo atraído [Picasso] para o gênero – além das contribuições específicas de Goya e Callot – foi a natureza aberta e improvisada do formato dos *capriccios*. Livre da coerência temática exigida com outras séries, o artista *caprichoso* podia entregar-se ao impulso, podia permitir que a sua imaginação e atenção vagassem como quisessem.” (FLORMAN, 2000, p.108)

Na criação da série de pinturas que discutiremos no presente trabalho, a inspiração de Goya e Picasso e suas séries acima discutidas foi imensa. Permite-me, como cita Lisa Florman, abrir mão de limites de “consistência temática e explorar os mais diversos assuntos na pintura”.

Louise Bourgeois (1911-2010) foi outra grande referência que informou muitos dos conceitos utilizados ao longo do trabalho. Sua produção que mescla vida pessoal, íntima, com o fazer artístico, foi base para o que chamei de “automitologia”. Assim, partindo do processo de investigação exaustiva de si próprio através da arte, chegamos à criação de uma mitologia-de-si. Um universo simbólico e temático que ilustra os sentimentos mais complexos e dificilmente narráveis. Os personagens, como na obra de Bourgeois, se repetem, metamorfoseam e convivem uns com os outros, criando uma constelação que abriga toda a existência humana.



Louise Bourgeois “Ste. Sébastienne,” 1998, tinta em papel de xerox montado em tela, 195 x 160cm

É comum e desejável que, ao observar minha produção, o espectador identifique

semelhanças com determinadas presenças na minha vida, como minha irmã, minha mãe, meu marido e até a mim mesmo. Esse agrupamento de fios que conectam as pinturas entre si — animais que se repetem, paisagens comuns entre os quadros, lógicas internas das obras — são esforços conscientes de tornar presente nas minhas telas a existência de uma ficcionalização da vida, uma fabulação livre que une elementos concretos da minha sociabilidade com as possibilidades inúmeras da criação quase divina artística.

Destaco a certeza que possuo da essencial intangibilidade do processo artístico, e, ecoando muitos artistas antes de mim, faço coro à noção de que não existem fórmulas pré-estabelecidas do que será produzido antes do fato em si se consumir. Enquanto não termino um trabalho, a tela funciona como um campo de batalha em constante contradição.

Entender que a pintura não é um processo determinado previamente, muito menos algo cujo resultado pode ser decifrado *antes* da realização do quadro, não nos impede de destacar a importância extrema das referências e inspirações que utilizo como ponto de partida para algo que, como o *big bang* que originou o universo, se inicia num ponto determinado, mas não possui ponto de encerramento a priori.

Algo interessante para mim no processo de pintura é, de certa forma, me colocar no panteão da História da Arte, mesmo de pintores tidos como clássicos no cânone ocidental. É por isso que, muitas vezes, pintores do Renascimento e do Barroco como Peter Paul Rubens (1577-1640), Ticiano (c. 1473/1490-1576) e Tintoretto (1518-1594) surgem enquanto referências do ponto de vista compositivo e de desenho. O tratamento que esses artistas dão a cenas mitológicas e/ou bíblicas se encaixa com minha proposta de formular uma automitologia que mescla esses elementos com criações da minha individualidade. O uso dos “grandes nomes” como referência não é uma mera causalidade, mas uma consciente tentativa de me apropriar dos ensinamentos e do legado que a obra artística de cada um nos oferece.



Tintoretto. "The Miracle of St Mark Freeing the Slave". 1548, óleo sobre tela. 415 x 514cm

Como muitos dos pintores passados, utilizo de temas e composições já realizados previamente com maestria por esses artistas, mas, como ninguém entra no mesmo rio duas vezes, nenhum artista interpreta os mesmos temas duas vezes (nem nós mesmos, ao retornar a um assunto previamente representado). Não estou sozinho nesse processo de produzir telas em relação a observações das tradições precedentes. Nos anos 50 e 60 do século XX, Pablo Picasso (1881-1973) pôs-se a "confrontar" pictóricamente vários de seus mestres, como Manet (1832-1883), Velazquez (1599-1660) e El Greco (1541-1614). Picasso utiliza-se das composições, cores e temas dos pintores mencionados, mas vai adaptando, estilizando e canibalizando a produção desses artistas. Sinto que, inspirado nesse processo, realizo o mesmo com meus próprios mestres, com destaque para os já mencionados pintores barrocos e os inovadores modernistas do século passado.



Picasso. “Le déjeuner sur l'herbe d'après Manet, 3 mars-20 août 1960”. 1960, óleo sobre tela.

Há muito tempo possuo uma admiração profunda pelo trabalho de Henri Matisse (1869-1954), que me inspira não somente como pintor e artista plástico, mas como ser humano. Sua vida de dedicação exclusiva à arte e ao fazer pictórico é admirável, e seus escritos sobre pintura oferecem uma preciosa visão de primeira mão sobre a riqueza e multiplicidade do ato de produzir uma tela. Ao me deparar com seus relatos, entrevistas, indagações, percebo um homem profundamente preocupado com a pintura-em-si, a concretude do plano imagético formal, muito além das análises psicológicas, sociais e biográficas. Não desmereço essas abordagens, posto que elas integram minhas reflexões sobre meu próprio trabalho. Mas é de tremenda inspiração ter como referência máxima uma perspectiva acerca da arte que se preocupa com os elementos mais fundamentais e indissociáveis da pintura — linha, cor, forma, desenho, sombra, luz, fatura etc. Em última instância, é pelas relações formais e cromáticas que o cerne do meu trabalho, o processo de produção da imagem em si, se guia.



Neve, 150x120cm, óleo sobre tela, 2023



Matisse. "Le Bonheur de vivre". 10905-06, óleo sobre tela, 176x240cm.

Ao terminar um trabalho, me ponho então — *após sua conclusão* — a pensar sobre possíveis significados, subtextos e indicativos para questionamentos. Algo a que sempre retorno é a profunda magia que existe no ato de criar, de pintar. Nós, pintores, estamos essencialmente operando como Deus, pelo menos dentro do plano bidimensional da tela a ser atacada no momento. Formulamos mundos, corpos, ecossistemas, criamos vida, amores, medos, emoções. Se quisermos, o céu se torna rosa ou chuvoso, plantas surgem ou desaparecem, animais ganham ou perdem membros e pessoas vivem os 360 graus da experiência emocional humana. Tudo isso num espaço estático que é a superfície da tela pintada. Essa contradição me encanta, posto que concerne ao centro da traição das imagens. Conseguimos eternizar, estático, o movimento mais complexo que há, o da criação humana. Na pintura, conseguimos tudo, “o pintar, o criar, é uma corte. Mas diferente de uma corte, você [o artista] é o promotor, o réu, o advogado, o juiz e júri. (GUSTON, 2022, p.169)

Me emociono ao pensar que, há mais de vinte mil anos atrás, pessoas como nós, em alguma caverna, deserto ou montanha pelo mundo decidiu criar uma imagem, gravar uma marca de sua existência — e assim criar algo *novo*. O ato é, essencialmente, o mesmo que realizamos em 2024. Aplicar uma substância líquida colorida — a tinta — contra uma superfície — paredes, telas, rochas — utilizando alguma ferramenta com pelos — hoje, os pincéis sintéticos, ontem pelos de animais ou cabelo humano. E, ao final desse *ritual* (por que não?), concebe-se uma criação. Algo surge, inatamente humano, de novo no mundo.



“Pássaros Vermelhos”. 2022, óleo sobre tela. 24x60cm

Nos últimos anos tenho dedicado minha vida para pintar, expor, comercializar minhas pinturas, atravessando esse caminho definitivamente incerto e tortuoso mas inegavelmente necessário para meu bem viver. É uma parte disso que pretendo apresentar neste trabalho. De novo, lembro de Matisse. Foi ao ler uma biografia sua, em 2015, aos 14

anos, que redescobri com ainda mais força algo que estava presente em mim desde a infância: o amor profundo e incondicional pela Pintura.



“Anjo de quatro asas”. 2024, óleo sobre tela. 120x100cm

2. Pinturas



“Eu ando para onde venta, eu corro para onde chove”. 2023, óleo sobre tela. 120x100cm



A obra em destaque foi feita a partir de uma vontade de me inserir de certa forma na História da Arte ocidental e seus cânones, tomando como exemplo a famosa “Venus de Urbino” de Ticiano e a “Olympia” de Manet. A partir dessas imagens, produzi uma tela que resgata elementos clássicos e adicionei um tratamento próprio da minha linguagem aos corpos e transformei a imagem numa cena de duas figuras deitadas - uma masculina e uma feminina. Nesse caso, aproveitei para trazer a riqueza cromática do vermelho e adicionei a chuva ao fundo, assim como o pássaro e a cobra, integrando o ser humano, a natureza e as representações tradicionais da imagem da nudez.



“Jardim”. 2023, óleo sobre tela. 120x150cm



“Antonio e Vicente”. 2024, óleo sobre tela.
20x25cm cada

Pintei essa obra pensando nas imagens paradisíacas e abundantes do jardim do Éden, nesse caso ilustro com a pintura de Rubens. Num ato de tornar meu esse jardim, lugar onírico e paradisíaco imaginado, representei o casal primordial como sendo eu e meu marido, Vicente, que aparece em muitas outras pinturas minhas. Como dito antes, minha vida está diretamente interligada com as imagens, realidades e ficções que pinto.



“Eu vou te amar para sempre”. 2023, óleo sobre tela. 120x100cm



Gosto dos contrastes nessa pintura, as cenas de calma contrastadas às cenas caóticas de luta, violência e dor. Somei imagens retiradas de Rubens e da mitologia clássica e acrescentei minhas próprias referências imaginadas de uma paisagem de cacofonias simbólicas, criei um mosaico de cenas independentes que acabam conversando entre si



“À plena voz”. 2024, óleo sobre tela. 120x100cm

Essa pintura, cujo título faz referência a um dos últimos poemas do poeta soviético Maiakovski, trabalha com o contraste entre a figura do bebê brincando ao fundo com os dois animais imensos no primeiro plano, se confrontando. Se, por um lado, vemos uma cena de conflito intensa, aumentada pelos dentes e garras exageradas do tigre e do jacaré. vemos um bebê de braços abertos, se divertindo, ignorante à batalha que se ensaia em sua frente. Uma reflexão, também, acerca da impossibilidade inerente ao plano bidimensional estático da tela e as inferências simbólicas sobre ele projetadas pelo espectador.



“Fotografia de cavalo (Pintura para Géricault e David Hockney)”. 2024, óleo sobre tela.
120x100cm

Durante séculos, antes da invenção da fotografia química no séc. 19, os cavalos foram retratados correndo e galopando da forma como mostra essa tela - as quatro pernas abertas (para frente e para trás), e ele todo suspenso no ar. Com a descoberta da fotografia e o início de experimentos que permitiam ver exatamente a movimentação de um cavalo, ficou provado, entretanto, que a pose vista e retratada por incontáveis artistas ao longo de milênios simplesmente não acontecia na natureza, na dita "vida real". Nesse momento, chocavam-se duas realidades. A da tradição europeia da pintura pós-renascimento, que buscava retratar com fidelidade o "real" observado pela subjetividade a olho nu do espectador - o cavalo suspenso de pernas abertas - e a fotografia matemática mais-que-real que dizia provar: o cavalo jamais poderia estar suspenso na pose em que, por séculos, ele fora retratado.

Coloquei, nesta pintura, uma câmera no tripé fotografando um cavalo na pose histórica que a fotografia paralisante mostra como falsa, mas que a pintura, na sua infinidade de significantes e sua capacidade de criar o real, permite.



“A Tentação de Santo Antônio”. 2024, óleo sobre tela. 120x150cm

Essa pintura bebe da fonte de uma sequência de obras feitas ao longo da História da Arte que retratam a história bíblica de Santo Antônio e suas tentações. Esse tema, por séculos, foi utilizado como meio de representar os mais diversos e fantasiosos monstros, criaturas e demônios. Seguindo nesse caminho de interligar minha produção a algumas tradições pictóricas, decidi aproveitar a semelhança de nossos nomes e realizar um autorretrato enquanto Santo, rodeado e suspenso por demônios e tentações.



“Canto de Mim Mesmo”. 2024, óleo sobre tela. 120x150cm

Em “Canto de Mim Mesmo”, cujo título faz referência ao épico de de Walt Whitman, realizo três autorretratos utilizando figuras mitológicas clássicas. Da direita pra esquerda, temos um anjo, de aparência infantil e portando duas asas, que dorme dentro de uma árvore. No centro, vemos um autorretrato enquanto Prometeu, figura da mitologia grega que passa a eternidade tendo parte do seu corpo devorado por uma ave após desagradar Zeus. No lado esquerdo, representei um Atlas de quatro braços, carregando o planeta Terra.



“Amanhã, na batalha, pensa em mim.”. 2024, óleo sobre tela. 120x100cm

Mil olhos, um escorpião enjaulado, uma quimera de várias cabeças, um anjo, uma cachoeira e uma figura de costas que aponta para o céu.

Essas são algumas das imagens apresentadas nessa obra, que busca amalgamar a cacofonia de elementos díspares em uma imagem de tom épico. Como em tantas pinturas minhas, o mistério é onipresente na figuração das criaturas apresentadas. Deixo ao espectador a tarefa de definir (ou não) o que ocorre na cena. Quem é a sombra-pessoa que nos observa por mil olhos? Para o que aponta a pessoa de costas para nós? Porque está o escorpião enjaulado com uma espada? Tais questionamentos não possuem resposta definitiva, além de enfatizar o processo necessário de observação prolongada, reflexão e descoberta de significados possíveis na obra de arte.



Casamento (I e II), 2024, óleo sobre tela, 120x100cm cada.

O tema da automitologia se faz presente nesses trabalhos, nos quais realizo autorretratos em vestimentas tradicionais de noivas se casando (com exceção da calça). Os tons claros predominam e a atmosfera remete a casamentos em igrejas. Destaca-se, portanto, o aspecto de contradição presente na automitologia, em que, se, por um lado, apresento algo íntimo como um autorretrato — numa situação que condiz com minha vida pessoal — intercalo isso com símbolos estabelecidos em séculos de tradição ocidental: o casamento, o véu, o buquê de flores.



"Dormir como dorme a terra, acordar como nasce o sol, viver como serpenteia a água pelas rochas de uma cachoeira em um rio cheio na floresta."
2024, óleo sobre tela. 120x150cm

A pintura retrata um grupo de pessoas que estão colocadas na região central da tela, acompanhadas de um pôr do sol impressionista e um boi branco. A bandeira vermelha da coletividade carregada pela mulher no meio da composição se destaca, vibrante, em contraste com as cores terrosas menos saturadas da natureza ao seu redor. O título comenta sobre o espírito dessa pintura, como se os personagens aqui presentes estivessem em comunhão com a natureza, vivendo como ela vive. A horizontalidade desses ideais se expressa na composição do próprio desenho.



"Gravidez", 2024, óleo sobre tela.30x40cm

Continuando no caminho de trabalhar a pintura enquanto materialização ficcional de mim mesmo, apresento nessa tela um autorretrato deitado na natureza, grávido. O bebê pode ser visto na minha barriga como se num ultrassom. Para além das considerações subjetivas do que é uma gravidez — criação — algo que se reflete no ato de pintura, essa tela é um exemplo concreto da capacidade mágica da imagem pintada fabular realidades novas, que não cabem no plano fotográfico ou racional. Como disse o pintor Philip Guston (2022), “eu pinto o eu que quero ver”.



"Eu carrego o seu coração dentro do meu, e você carrega o meu coração dentro do seu", 2023,
óleo sobre tela.120x100cm

A dualidade está nessa tela, com a presença lado a lado de duas figuras, uma cravejada de espadas, outra coberta de correntes. No meio, suas mãos estão dadas e uma ave branca sobrevoa a cena. Ao fundo, vemos montanhas e prédios de uma cidade contemporânea. Há algo nessa obra que me encanta, é um dos casos em que o mistério da criação da imagem se faz onipresente. O que pensam essas pessoas?, o que as leva a dar as mãos no meio de uma situação associada à dor, ao sofrimento? São perguntas para as quais não tenho respostas, mas o mistério dessa composição me lembra o poema de E.E. Cummings, um trecho do qual foi traduzido e adaptado por mim para servir de título “[i carry your heart with me(i carry it in)]” (CUMMINGS, 1969, p. 115).

3. Conclusão

“Se [o jovem pintor] souber se manter sincero em relação a seu sentimento profundo, sem trapaça nem indulgência consigo mesmo, sua curiosidade não o abandonará, e tampouco, até idade muito avançada, seu entusiasmo pelo trabalho árduo e a necessidade de aprender com a juventude passada. Existe coisa mais bonita?”

[Henri Matisse, 30 de agosto de 1945]

A escritora francesa Hélène Parmelin disse de Picasso: “É muito comum ouvir-se Picasso dizer que, quando está pintando, todos os pintores estão com ele no *atelier*. Ou antes, atrás dele. E esses pintores olham Picasso” (PARMELIN, 1968).

Tanto a frase de Matisse quanto a citação referente a Picasso apresentadas acima são cruciais para a formação do meu entendimento do que é o meu trabalho, e como ele se desenvolveu e continua se transformando durante os anos de minha graduação e agora. Há uma necessidade de produzir de forma honesta, dedicada, sem trapaças ou atalhos, assim como é crucial a referência e inspiração que encontro nos artistas que me precederam, dos mais variados contextos.

Entender meu trabalho como um microcosmos automitológico é consequência lógica de um modo de trabalho, de uma forma de enxergar a pintura, que me leva à indissociabilidade da produção visual e do meu cotidiano. A mitologia se torna pessoal, e o pessoal se torna mitológico.



"eu nadando com jacaré", 2023, óleo sobre tela. 70x90cm

4. Bibliografia

BOURGEOIS, Louise. BERNADAC, Marie-Laurie. OBRIST, Hans-Ulrich. **Louise Bourgeois, Destruição do Pai, Reconstrução do Pai.** São Paulo: Cosac Naify, 2000.

CUMMINGS, E.E. **Selected Poems 1923-1958.** London: Faber&Faber Limited, 1969.

DANGELMAIER, Ruth. **Tintoretto.** Paris: Editions Place des Victoires, 2018.

FAYGA, Ostrower. **Goya: artista revolucionário e humanista.** São Paulo: Imaginário, 1997.

FLORMAN, Lisa. **Myth and Metamorphosis: Picasso's classical prints of the 1930's.** Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2000.

GAYFORD, Martin. HOCKNEY, David. **Spring Cannot be Cancelled: David Hockney in Normandy.** London: Thames & Hudson, 2021.

GUSTON, Philip. **I Paint What I Want To See.** Dublin: Penguin Random House, 2022.

KAMINSKI, Marion. **Titian.** Potsdam: H. F. Ullmann, 2007.

MATISSE, Henri. **Escritos e Reflexões sobre Arte.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MATISSE, Henri. FLAM, Jack. **Matisse on Art.** London: UCL Press, 1995.

PARMELIN, Hélène. **Picasso disse....** Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1968.

PICASSO, Pablo. BOLLIGER, Hans. **Picasso's Vollard Suite.** London: Thames & Hudson, 1956.

Anexo - Exposição Individual

“Choro” - realizada no MAC - Niterói em Abril-Junho de 2022

